

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123 — BARCELOS

OS DUQUES DE BARCELOS

Com notável relêvo se impõe a posição de Barcelos na III Época—a Brigantina—das Comemorações Centenárias, de 1140-1640-1940.

É o Solar primário da Casa de Bragança, foi um Duque de Barcelos o *alevantado* a Chefe do Estado na re-independência em 1640 e foi Barcelos, de Coimbra para o norte do Paiz, a primeira povoação de renome que proclamou D. João IV Rei de Portugal livre.

Do Solar ainda existe interessantíssima recordação, saliente em Arte, Arqueologia e História no conjunto geral—evocador, áacre, bellissimo—da Cidade; dos Donatários brigantinos conserva Barcelos a tela-retrato, dizem que o mais fidedigno, do seu 3.º Duque D. Teodósio pai d'el Rei D. João IV; da actuação espontânea dos barcelenses no *alevantamento* de 1640 conhece se curiosíssima prova documental autentica.

Do antigo Paço dos Condes-Duques de Barcelos, publicou, em referencia a mais recente, uma comunicação valiosa, no n.º 7 do *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes* distribuido há poucas semanas, o Senhor Dr. António Vasco Rebêlo Valente, Sócio da mesma Academia, Director do Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto) e Chefe da Missão do Norte no Inquerito Histórico-Artístico em decurso. A respeito desse Paço é já hoje importante a documentação figurativa do que foi tão notável edificio.

A tela-retrato do 7.º Duque de Bragança D. Teodósio, 3.º Duque de Barcelos, pertence á Santa Casa da Misericórdia desta cidade e está reproduzida em foto-gravura na página 426 do Volume V da *História de Portugal*, Edição Monumental, dirigida pelos Senhores Doutor-Professor Damião Peres e Eleutério Cerdeira.

A prova documental, por certidão autenticada, da proclamação em Barcelos de Rei português independente, no dia 7 de Dezembro de 1640, *antes de o ser em outra terra importante de Coimbra para cá*, foi publicada, por gentilissima deferencia do seu possuidor Senhor Dr. José Joaquim Pereira de Lima, em opúsculo *1640 em Barcelos*, que organizei aqui em 1938, com um grupo de devotados barcelenses e auxilio de destaque do Senhor Dr. Adélio Carvalho Marinho da Silva, Vogal na Junta de Provincia do Minho.

Creio bem poder repetir o que escrevi na página final (40) dêsse opúsculo:—*as gerações actuais dos barcelenses, lembrando as acções de seus passados, tem o dever e o direito de promover a integração de Barcelos nas Comemorações da Restauração de 1640.*

Porque foi um Duque—donatário de Barcelos—o escolhido, pelos Restauradores da independência de Portugal, para Chefe do Estado, vem a propósito referenciar esse alto Titulo português.

É muito interessante o estudo dos antigos Titulos; na quase totalidade possuidos por individualidades de esfera superior, muitas das quais exerceram influencia activa na governação do Paiz, há intima ligação entre a História Nacional e a desses titulados.



D. João IV

Anselmo Braamcamp Freire (Almeirim), Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e seu Presidente, publicou em 1901, *Apêndice ao Livro Segundo dos Brasões da Sala de Sintra*, o «Catalogo cronológico de todos os titulos havidos em Portugal»—1.ª Parte—Até á occupação dos Felipes», estudo eruditissimo firmado em vastissima documentação. Dos *Brasões de Sintra* se fez segunda edição em 1921-1930, aparecendo aquele «Catalogo» em «Apêndice, ao Livro-Terceiro, impresso na Universidade de Coimbra em 1930, páginas 225 a 440. Reportar-me-ei á segunda edição por mais completa e de talhada do que a primeira.

A D. Jaime (1479-1532), 4.º Duque de Bragança em 1496, se passou Alvará régio em 3 de Abril de 1526 concedendo-lhe poder dar a seu varão primogénito qualquer dos Titulos da Casa de Bragança, com a cláusula dessa mercê começar a ter efeito do mês de Fevereiro do ano seguinte em diante. Encontra-se esse Alvará transcrito nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* por D. Antonio Caetano de Sousa, volume 4.º, páginas 73, numero 120. O Titulo usado por D. Teodósio, filho mais velho do Duque de Bragança D. Jaime, foi o de *Duque de Barcelos* pois assim se encontra nomeado no «Instrumento» de concôrto, celebrado a 21 de Dezembro de 1532, com sua madrastra D. Joana de Mendonça para ambos darem cumprimento ao testamento de D. Jaime feito no mesmo dia. Ambos os documentos estão

publicados nas citadas *Provas*, volume 4.º, páginas 83, n.º 128 e páginas 88 n.º 130.

O Titulo de *Duque de Barcelos* começou portanto entre 1527-1532, no reinado de D. João 3.º, na pessoa de D. Teodósio, que depois foi o 5.º Duque de Bragança, como deixei dito nas páginas 27 e 28 da *Barcelos-Resenha* publicada em 1927.

D. João, primogénito do 5.º Duque de Bragança D. Teodósio, foi o 2.º Duque de Barcelos por carta de 4 de Agosto de 1562 que confirmou o Titulo e as regalias do Alvará de 3 de Abril de 1526, esclarecendo que elas começariam logo que os herdeiros da casa fossem baptizados. Está aquela carta nas mesmas *Provas*, volume 4.º, páginas 246, n.º 177. Foi este D. João o 6.º Duque de Bragança a partir de 20 de Setembro de 1562 data do falecimento de seu pae.

O 3.º Duque de Barcelos foi D. Teodósio filho do mesmo D. João tratado na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, baptizado em Maio de 1568 mês em que começou a usar o Titulo. Foi o 7.º Duque de Bragança em 1583 e se lhe passaram Cartas de confirmação dos Titulos e da casa em 1592 registadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em *Confirmações gerais*, Livro 6.º, folhas 5 e 102.

D. João, primogénito do 7.º Duque de Bragança e nascido em Vila Viçosa em 19 de Março de 1604 foi, nesse mesmo mês, o 4.º Duque de Barcelos

e a partir de 29 de Novembro de 1630 o 8.º Duque de Bragança. Em 1 de Dezembro de 1640 foi aclamado Rei de Portugal—D. João IV ao nome—cognominado o *Restaurador* da independência portuguesa.

Está hoje provado que D. João de Bragança teve acertada, energica e premeditada acção na Restauração de 1640. Bem certo é que a verdade sempre ao de cima vem! Ao seu inteligente modo de orientar o sentimento nacional se deve o arranco soberbo dos *Quarenta*—velhos, môços—que naquela fria manhã do 1.º de Dezembro de 1640, investiram a Guarda dos Tudêscos do Paço da Ribeira de Lisboa, espadas fóra, pistolas aperradas, a esvoaçar as plumas dos sombreiros, aclamando em delírio, vibrantes de portuguesismo, D. João IV e a liberdade de Portugal! Do que foi essa manhã em Lisboa encontra-se uma das mais interessantes narrativas, que conhêço,—sabor antigo de linguagem e de escrita—no *Elogio historico da Casa de Cantanhede Marialva* do conego Frei Teodósio de Santa Marta, Lisboa, 1751, páginas 374 e seguintes.

Dos *Quarenta conjurados* há representantes depositários do sangue e do nome dos «Restauradores»; dêsse publicou o Senhor D. José Manuel de Noronha e Brito de Menezes Alarcão (Arcos) uma relação identificativa no I Volume do *Archivo Nobiliarchico de Portugal*, Lisboa 1925, páginas 81 e seguintes. Em gesto de aprimorada elegancia evocadora, os organizadores das comemorações centenarias convidaram-nos a comparecer, como *sobreviventes* dos conjurados.

Porque nas Comemorações os Portugueses — PORTUGAL—*sobrevive* de oito seculos—oito centos de anos—de «História», de «Vida»!

Em Barcelos foi tambem *bem português* o início do *alevantamento* de D. João IV, na manhã do dia 7 de Dezembro de 1640, logo que aqui se soube da Restauração da independência em Lisboa.

Ha muito de comovente, de vincadamente ráico, na atitude do velho Fidalgo Francisco de Gouveia Mendanha entrando no recinto da antiga Matriz—Colegiada, fazendo ressoar no pavimento lageado a sua molêta, a bradar—«Viva D. João IV Rei de Portugal»—! Lá como aqui, aqui como lá, foi a nossa ancestral ideia de liberdade, de direitos da grei, que mais uma vez se manifestou!

Tinha que ser, assim foi, sempre assim será—por mercê de Deus—!

Barcelos no dia 1 de Dezembro de 1640—«Ano Aureo».

José Augusto de Mancelos Pereira
Sampalo

Major Reformado

Socio da Associação dos Arqueologos Portugueses

S. A. R. a Senhora Infanta D. Felipa Ma- ria de Bragança

Afim de assistir às Comemorações Centenárias, período Brigantino, encontra-se a residir no Palácio da Queluz, S. A. R. a Senhora Infanta D. Felipa Maria de Bragança, Neta de El-Rei D. Miguel I.

S. A. R. veio a Portugal, conforme já foi noticiado em o «Notícias de Barcelos», a convite do Governo da Nação, na qualidade de Representante de Seu Augusto Irmão, o Senhor D. Duarte, Duque de Bragança e Conde de Barcelos, portanto, em Representação da Casa de Bragança e dos Reis de Portugal.

Dentro em breves dias e para o mesmo fim, devem chegar também a Portugal, Suas Augustas Tias, as Senhoras Infantas D. Maria José Duquesa de Baviera e D. Aldegurdes, Duquesa de Guimarães e Condessa de Bardi. Segundo informações fidedignas e em dia que ainda não está fixado, deve S. A. R. a Senhora Infanta D. Felipa Maria visitar Barcelos, terra de Seus Maiores, Solar da Ilustre Casa de Bragança de que Seu Augusto Irmão o Senhor D. Duarte, é hoje o Representante.

De esperar é, que Barcelos, que pelo seu passado tam estreitamente está ligado á historia de Portugal, rodeie S. A. R. do maior carinho, homenageando assim, A Representante dos seus Reis, que neste momento e em lição viva, festejamos com as Comemorações Centenárias.

1-12-1940

Não podia recusar concurso atenciosamente pedido para a comemoração barcelense do quarto centenário de Restauração gloriosa do 1.º Dezembro de 1640, data que classifiquei um dia, do Palácio de Independência, como a marcante do reconhecimento do axioma da Independência soberana de Portugal.

Barcelos sente-se, como a que mais, ligada muito estreitamente ao Feito Glorioso, e, por tal, de admirar não é que se desse maior pressa em secundar o movimento libertador da capital.

Foi na Casa Ducal de Bragança que Portugal encontrou a legitimidade dos Reis, em linha recta vinda de D. Afonso Henriques o Fundador, tendo-se com este sangue fundido o de Nun'Alves, o Santo Condestabre, na fundação da Casa que também era, e de antes, dos Condes de Barcelos.

Em 1640 Barcelos, terra portuguesa, aclamou Rei o Duque de Bragança. Mas ao aclamal-o, sentia aclamar também o seu conde-duque.

Por isso justo será que Barcelos professe culto especial pela memoria da figura maxima da Restauração, pelo Chefe que, com a sua energia calma e serena, e a sua decisão na hora propria, restituiu Portugal á plenitude dos seus direitos.

O aniversario em 1940, é centenário, no ano em que também foram celebrados oito seculos da existencia nacional.

E de elementar justiça será também, que neste dia o sentimento barcelense muito respeitosa e tenha presente o Augusto Representante desses Senhores Condes-Duques, Reis de Portugal, actualmente Representado em terra portuguesa, em correspondencia a nobilissimo convite do Governo da Nação, que com superior visão Salazar chefia, por A. A. R. a Senhora Infanta D. Filipa Maria de Bragança, A Quem não devem nesta hora faltar as mais respeitosas e dedicadas homenagens do coração dos bons barcelenses.

1.º Dezembro 1940

J. PAES DE VILLAS-BOAS

Barcelos nas Comemorações centenárias

Por todo Portugal vibrou intensamente em 1940 uma aleluia de sentimento historico e tradicionalista.

A fundação da nacionalidade em 1140 e a restauração da mesma em 1640, foram celebradas com alevantado amor-patrio, com a Historia aberta nas suas paginas de gloria, a resaltar em caracteres formados de sangue e heroismo.

Por todos os recantos de Portugal, á mesma hora, no dia 4 de Junho de

exaltação patriótica que galvanizou a Nação.

As comemorações foram aqui realizadas por forma brilhante, não se riscando jamais dos anais festivos o que Barcelos ofereceu de inédito e comovente no dia 6 de Junho, onde o Povo aclamou intensamente o representante do Chefe da Nação, cobrindo-o de flôres e alegria, saudando por forma alevantada e inesquecível.

E bem justa foi essa vibração dos



Túmulo de D. Afonso Henriques, em Santa Cruz, Coimbra

1940 Portugal acordou da indiferença a entorpecel-o na sua tradição e soltou, bem alto e com todo o ardor do seu rejuvenescimento, o grito que ecoou por todo o Império, e mais, por todo o Mundo, brado que mostrou a sua energia ancestral e que perdura ainda.

A' mesma hora, por todo o Imperio Portuguez, acordou um Povo a clamar a sua força, a documentar a sua doutrina.

O que essas festas foram, a comoção que gerou lagrimas de contentamento pelo seu alto significado historico, não se apagou e tarde se apagará do coração dos Portugueses.

Vão encerrar-se, dando por findo esse ciclo aureo, ficando aqui ou acolá um marco, uma inscrição, um cruzeiro a dizerem aos que viverem depois de nós que 1940 foi em Portugal o Ano dos Centenários, aquele em que se glorificou a Patria Portuguesa nos seus fundadores e nos seus restauradores, fazendo vibrar os seus nomes ao som troante das trombetas, em manifestações de patriotismo inexcedíveis.

A Barcelos coube uma parte da

Encerramento das comemorações centenárias, em Barcelos

A Comissão que em Barcelos se organizou para realização das comemorações centenárias, vai encerrar esse periodo pela seguinte forma:

No dia 2, ás 16 horas, sessão solene na Camara Municipal, á qual deseja dar o maior brilhantismo.

Nessa ocasião falará o Sr. Presidente da Camara, Dr. Alexandre Sá Carneiro, e o Sr. Dr. Adelino Marinho.

A seguir proceder-se-ha ao descerramento da lapide comemorativa do Voto a Nossa Senhora da Conceição por El-Rei Dom João IV, mandada restaurar e que vai ser colocada no muro de vedação do recinto onde se encontram as ruínas do Paço dos Condes-Duques de Barcelos.

E assim terminam em Barcelos as comemorações officiais das festas dos Centenários.

Ficam a perpetuar essa epoca a la-

barcelenses, porque Barcelos foi o caderinho onde se fundiram energias que depois se utilizaram com exito.

Na fundação da nacionalidade e na restauração de Portugal, Barcelos teve parte destacada.

A documentação, historica assim o demonstra, e Barcelos não abdica dos seus direitos na parte que nas paginas da Historia o seu nome aparece, com iluminuras de valor e lealdade.

Diluiu-se no espaço a espiritualidade que modelou as manifestações de Barcelos, a quando o periodo da fundação.

Realisam-se com destacante sentimento historico as comemorações da epoca da Restauração, aquela em que teve logar inicial o Duque de Bragança e Conde de Barcelos.

Aos vindouros fica a perpetuar o sentimento cristão de D. João IV a pedra que reproduz o voto do Rei á Padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

Barcelos, não podia escolher melhor padrão a marcar eternamente a sua Fé e a sua Lealdade.

1 Dezembro 1940

Matos Graça

Cruzeiro da Independencia

No ponto mais alto do Monte do Facho, freguesia de Oliveira, realiza-se hoje, 1 de Dezembro, uma festa altamente nacionalista:—vai ser erguido um Cruzeiro alusivo á Independencia da Patria.

Ha tempos organizou se uma Comissão, a que preside o Rev.º Parocho de Oliveira, por pessoas de destaque nas freguesias circunvisinhas, a qual angariou fundos precisos para tal empreendimento.

Não temos conhecimento do programa das festas, mas estamos certos que a elas deve ser imprimido todo o cunho cristão e nacionalista.

«Noticias de Barcelos» recebeu um convite para assistir á inauguração que é ás 11 horas da manhã, no alto do Monte do Facho.

Agradecemos a honra do convite.

pide a que nos referimos e o Cruzeiro erguido no alto do Monte do Facho, em Oliveira.

RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Por mais duma vez, temos salientado nas colunas do «Noticias de Barcelos», o elevado papel que a nossa Terra marcou na Restauração de 1640.

E, se isso está dito, não só por nós, mas por outros com mais competencia e saber, nunca é de mais referi-lo, não só porque hoje passa mais um aniversario desse grande Acontecimento Nacional, mas também porque, as datas que marcam feitos como o da Restauração de 1640, devem estar sempre na boca e no coração, e nunca é superfluo fazer vibrar atravez da sua lembrança, o nosso sentimento patriótico.

Encerram-se dentro de poucos dias, se não poucas horas, as Festas Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal; e a lição viva, por isso imorredora, que insuflou todas as festas e actos solenes, devem ter feito de nós, se isso fôsse necessário, ou possível, mais unidos e orgulhosos de Portugal.

Foi com elevados fins patrióticos e com uma transcendente finalidade historica, que o Governo da Nação patenteou a portugueses e estrangeiros, a realização admiravel, unica no mundo, e impossivel de ser feita por outro povo, a Exposição do Mundo Português.

Os fins propostos pelo Governo, foram plena e altamente atingidos, ninguém podendo fazer tanto e muito menos, realizar melhor.

Se o mundo tinha duvidas da nossa existencia, da nossa consciencia imperial, deve ter colhido a certeza de que Portugal está hoje, como esteve outrora, á altura do papel que foi chamado a desempenhar em todos os cantos do globo.

Uma razão há, como afirmamos ao iniciar este modesto artigo, para que Barcelos festeje o dia de hoje; a posição que ocupa na Restauração de Portugal e que oficialmente lhe foi reconhecida.

Barcelos foi, se nao a primeira pelo menos uma das primeiras terras do norte, a reconhecer D. João IV como rei de Portugal e uma daquelas que, mais acentuadamente marccu nas lutas da Independencia.

A Restauração de 1640, com a subida ao Trono do Duque de Bragança, donatário de Barcelos, foi um acontecimento extraordinariamente querido dos barcelenses, que pelo Duque de Bragança tinham a maior profunda estima e respeito.

Eis, em resumo muito breve e em ligeiro esboço, deixadas inumeradas as razões do alto significado historico que a Restauração de 1640 teve para Barcelos.

Por isso, se há datas que marcam na vida dum povo, que são o espelho onde transparece a sua consciencia nacional, que não fazem lembrar divisões ou lutas, para imposição de principios que envolvem o desenraizamento de Portugal, essa data, é a do 1.º de Dezembro de 1640, a grande data verdadeiramente nacional.

E foi grande, porque representou a recondução da Patria na sua dinastia, esteio firme da independência e a unica força que a podia assegurar.

A Restauração de 1640, consistiu nisso; no grito de liberdade pelo Rei Português e com ele, uma Patria inteira se ergue nos quatro cantos do mundo e arranja força, para lutar e arrancar a estranhos, que muitos eram, o que era muito nosso e muito Português.

FURTADO MARTINS

A estatística demografica de que o censo da população é elemento fundamental constitui instrumento orientador da acção governativa para a resolução de muitos problemas nacionais e regionais.

A exposição do Mundo Português

Com as comemorações de amanhã, terminam as festas nacionais. Encerra-se também a Exposição do Mundo Português, monumento gigantesco e magnífico das glórias imortais da nossa Pátria e simultaneamente monumento esplendoroso e convincente das nossas possibilidades presentes e futuras sob a égide do Estado Novo.

O estado anormal da vida europeia presente, não permitiu que os nossos oito séculos de história heroica e brilhante, fôssem comemorados com o entusiasmo, a expansão e a alegria a que tais comemorações tinham incontestável jus.

Não admira que assim acontecesse porque o espírito cristão que concebeu, criou, consolidou e expandiu a nossa nacionalidade, espírito que perdura e perdurará eternamente na maioria esmagadora do povo luso, sentiu bem, e continua a sentir, a luta gigante em que presentemente se debatem nações amigas e irmãs.

Sem ruídos nem alardes, sobranceira ao Tejo, enquadrada no cenário maravilhoso dos Jerónimos, local eleito, donde os portugueses partiram para dar «mundos novos ao mundo», «dilatando a fé e o império», a Exposição do Mundo Português, imponente, majestosa, a todos impunha silêncio pela estupefacção que provocava a sua grandiosidade, a todos incutia meditação pelas magistrais lições históricas que dava.

Os estrangeiros que a visitaram não foram aos milhares porque os acontecimentos internacionais não o permitiram mas foram às centenas e todos eles ocupando lugares de relêvo no mundo das letras, das ciências, das artes e da política. Todos foram unânimes em elogiar o certame de Belem e o modo como o fizeram, referindo-se aos mais leves pormenores, diz-nos bem que os seus elogios não foram exteriorizados por mera cortezia ou amabilidade.

A Exposição de Belem, como ainda há dias afirmou o Dr. Maiwald, Comissário do Reich para os certames internacionais, reputado internacionalmente como um dos maiores técnicos das grandes exposições e que veio expressamente ao nosso país para a apreciar, «vai servir de exemplo e lição para muitas outras exposições nacionais, que pretendam dar, igualmente, a imagem da pátria, através do povo, nas suas artes, nos seus costumes, na sua história.»

Pela primeira vez os portugueses que a visitaram estiveram de acordo, dizendo bem. E se uma ou outra vez, alguns portugueses têm pretendido pôr em dúvida a sinceridade e justiça dos elogios dos estrangeiros, caso curioso e conclusivo, são sempre indivíduos que por sua vontade, ou sem ela, não tiveram a felicidade de visitar e contemplar tão grandiosa Exposição.

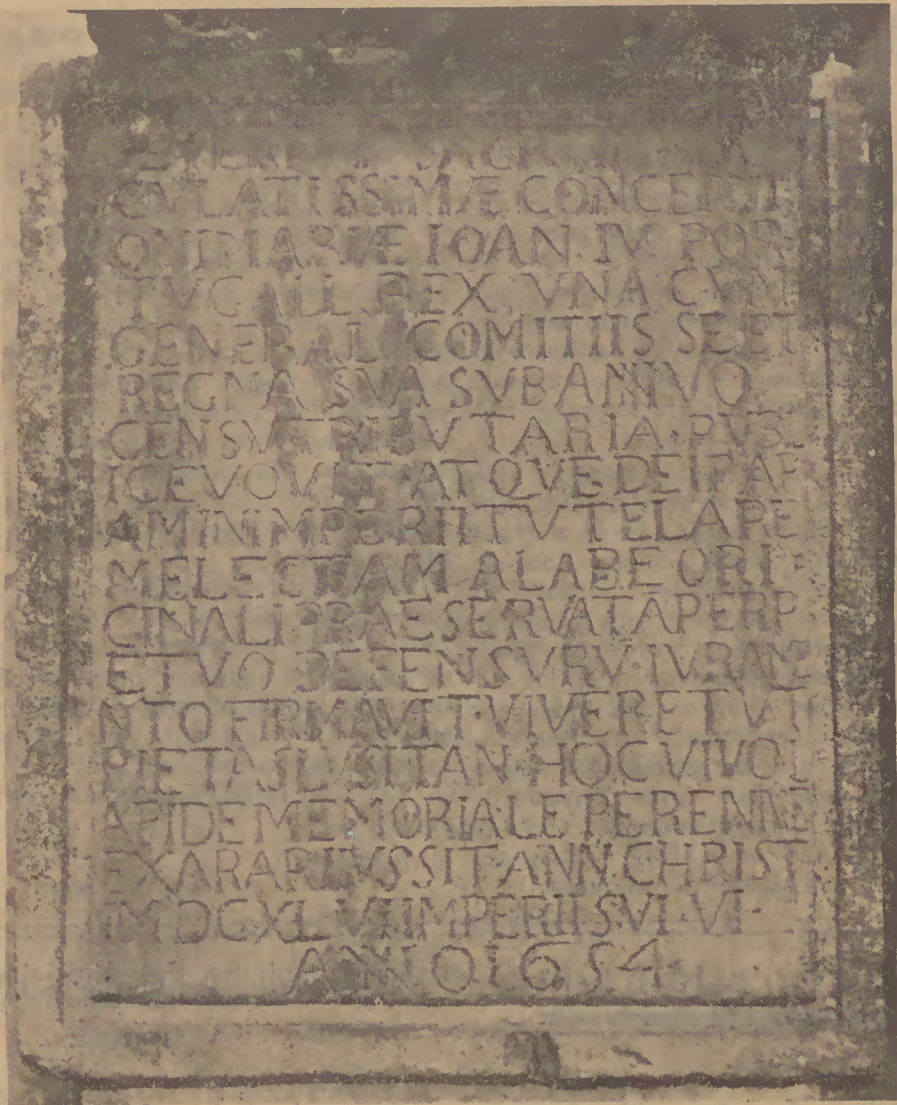
A opinião dominante e unânime de todos os que visitaram a maravilha de Belem com os olhos bem abertos e com o cérebro a viver exclusivamente nesse ambiente imortal das nossas glórias passadas e presentes, é que não há palavras que traduzam com fidelidade a concepção, a realização, todo o harmónico e monumental conjunto da Exposição do Mundo Português.

O Comissário do Reich, já citado, «confessou sentir inveja de quem pôde organizá-la com tanta perfeição» e quando da sua abertura solene o ilustre titular das Obras Públicas, depois de dizer que se sentia muito satisfeito, afirmou que a Exposição «era o grande triunfo da nossa gente.»

—Que pena a Exposição do Mundo Português não poder ser visitada por todos os portugueses do continente, das províncias ultramarinas e espalhados pelo Mundo!

Da Silva Correia

Lapide comemorativa do voto que fez D. João IV a Nossa Senhora da Conceição



Tradução: — «Para perpétua memória, D. João IV, rei de Portugal, juntamente com as Côrtes Gerais, se consagrou, a si e aos seus reinos, publicamente, á Imaculatissima Conceição de Maria, com o tributo anual de um censo. E com juramento firmou que defenderia sempre que a Mãe de Deus, eleita Padroeira do Império, fôra preservada da culpa original. Para que a piedade dos portugueses perenemente constasse, mandou gravar em pedra esta memória no ano de Cristo de 1646, sexto do seu reinado»

UMA DATA GLORIOSA

O dia 1.º de Dezembro de 1640 há-de constituir sempre para os portugueses uma data festiva, gloriosa, imorredoura.

Festa dum alto significado moral, penetrado dum suave e consolador sentimento de amor pátrio que no dia de hoje se comemora.

O povo vibra de emoção patriótica ao passar de cada aniversário deste acontecimento tam importante e decisivo na História Nacional.

Após 60 anos de doloroso cativeiro, os portugueses despertaram para a realidade flagrante que os oprimia e acabrunhava e soltaram o grito definitivo da revolta.

Já em 1637 os tumultos de Évora, que se repercutiram em algumas terras do Reino, levaram Filipe IV (III no nosso país) a ordenar enérgicas providências para melhor impedir que a ansia de liberdade, que prometia desenvolver-se, avassalasse Portugal completamente.

Receava-se, sobretudo, da atitude do Duque de Bragança para quem se voltaram as esperanças da Nação.

E essas providências do Soberano ou, melhor, do Conde-Duque de Olivares sintetizavam a redução de Portugal a uma província espanhola, a anulação dos nossos direitos que, de resto, em bem pouco tinham sido atendidos, e, finalmente, seria perder para sempre a esperança da independência da Pátria.

Entretanto, para começar a providenciar faz-se uma repressão sangrenta, enforcando alguns implicados e condenando outros ás galés.

Passou-se algum tempo mais, que bem penoso foi, para o nosso país, mercê das continuas pressões de que

era alvo e da falta de tacto político da Regente, cujo governo provocou grandes ódios desde o seu início.

Talvez a Duquesa de Mântua tivesse julgado findo o seu calvário em Pavia, mas afinal em Lisboa continuava a sentir o peso da sua cruz, caminhando aqui por atalhos ainda mais íngremes e espinhosos.

Os portugueses não desistiram, contudo, da sua ideia, apesar das represálias sofridas, e os conjurados continuaram a fazer as suas reuniões.

Activaram-se os trabalhos da grande empresa, estabeleceram-se planos, indicaram-se as missões de cada um e, entretanto, em nova reunião, D. Pedro de Mendonça, de regresso de Vila Viçosa, deu aos seus companheiros a alegre nova de que o Duque de Bragança aceitaria o trono.

E esse punhado de bravos, sem desfalecimentos, sem intermitências, no meio da tormenta, lutam de cabeça erguida, lutam sempre e conseguem caminhar intrépidamente, confiantes e resignados, embora esmagados pela tortura duma dúvida; mas não há estorvo que os desvie do caminho traçado.

Finalmente, numa última reunião fixou-se o dia 1.º de Dezembro seguinte para o arriscado empreendimento.

Na manhã do dia aprazado, ao soar das 9 horas, rebentou a revolução!

Repentinamente, de várias caruagens que se encontravam no Terreiro do Paço, saíram alguns desconhecidos envolvidos em capas negras sob as quais, muito a custo, conseguiam ocultar as armas.

Eram os heroicos conjurados!

CONTINUA NA 8.ª PAGINA

Nossa S-nhora da Conceição na Restauração de Portugal

O Rev.º Sr. Padre Moreira das Neves, publicou na Revista dos Centenários um interessantíssimo artigo sobre as lapides que se encontram por Portugal evocando Nossa Senhora da Conceição, ordenadas por D. João 4.º

E' de grande valor esse estudo e que por ser longo não o transcrevemos totalmente.

Ainda assim não resistimos de proporcionar aos nossos leitores trechos do artigo referido, mostrando aos que nos leem a dedicação do Rei de Portugal, D. João IV, pela Imaculada Conceição.

«—Aclamado Rei, D. João IV manda celebrar na capela Real, imponente solenidade em honra e louvor de Nossa Senhora da Conceição, e o prégador franciscano Frei João de S. Bernardino logo sugere a Consagração oficial da Nação á Virgem: «Seja assim, Senhora, e eu vos prometo em nome de todo este Reino, que ele agradecido levanta um trofeu a vossa Imaculada Conceição, que vencendo os séculos, seja eterno monumento da Restauração de Portugal».

Efectivamente, proclama D. João IV Nossa Senhora da Conceição e jura defendel-a até á morte, segundo se lê na provisão regia de 25 de Março de 1646, lida solenemente pelo Secretario do Estado Pedro Vieira da Silva e em voz alta repetida, de joelhos, por D. João IV, na capela dos Paços da Ribeira.

Desde este momento, nunca mais os reis portugueses puseram a corôa na cabeça.

Seguidamente enviaram-se cartas aos Juizes, Vereadores e Procuradores das Camaras do Paiz para que todos elegessem Padroeira do Reino a Senhora da Conceição.

Para memoria da consagração nacional á Senhora da Conceição, mandou D. João IV colocar sobre as portas da cidade e Vilas da Monarquia portuguesa, uma inscrição, uma lapide, que exprimissem aos vindouros a devoção de Portugal restaurado.

Com a data de 30 de Junho daquele ano foi remetida ás Camaras a seguinte carta-regia:

Juiz, Vereadores e Procuradores da Camara de... Eu El-Rey vos envio muito saudar. Para que seja mais notoria a obrigação que eu e todos os meus Vassallos temos de defender que a Virgem, Senhora Nossa, foi concebida sem pecado original. Ouve por bem resolver que em todas as portas e entradas da cidades, Vilas e lugar dos seus Reinos se ponha em uma pedra bem trabalhada a inscripção de que será copia com esta carta.

Encomendamos a façais por nas portas e lugares dessa cidade. E me aviseis de como o tendes executado. Escrita em Alcantara a 30 de Junho de 1654.

(a) Rey

Todas as Camaras procuraram dar immediato cumprimento á mensagem real.

A redação da legenda para as lapides foi confiada pelo rei a Antonio de Sousa de Macedo, secretario do Estado. Resa assim.

Aos nossos assinantes

O Noticias de Barcelos não se publicou no dia 28 para sair hoje, 1.º de Dezembro, em numero especial, com artigos de muitos dos seus colaboradores, em comemoração do encerramento das Festas centenarias em Barcelos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

HEROISMO

Uma declaração prévia, antes de começar o presente e modesto artigo, com o qual quizera exaltar, neste dia, as épicas façanhas e as festivas Glórias de Portugal ressuscitado:

Não é com intuitos reservados de humilhar ou ofender, no quer que seja, a fidalga e cavalheiresca Espanha, que estas palavras se escrevem. Elas servem tão somente para festejar e comemorar três séculos de História Pátria e os feitos heroicos, de bravura espartana, daquele punhado de portugueses que, aos gritos de: Liberdade! Liberdade! quebraram as algemas opressoras e proclamaram a independência de Portugal!

Arraial! Arraial! por D. João IV Rei de Portugal! clamava o povo, ao saber que, desde aquela data, estavam terminados os 60 anos de escravidão e servidão na sua própria Pátria!...

Não é, pois, como acima digo, para afrontar os brios da Espanha Nova, irmã de raça, nossa vizinha e aliada, cujos recentes tratados de paz e não agressão, são, de certo modo, a melhor e mais segura prova da sua boa amizade presente e futura.

Todavia, preciso é que, nesta festiva e gloriosa data que hoje se comemora, ela sirva para insuflar na alma e no coração das modernas gerações, mui principalmente nas juventudes das escolas primárias e superiores, o brio cavalheiresco e o patriotismo estoico dos nossos heróis e santos, para que façam dum Portugal independente e livre, um Portugal maior e melhor, tal como deseja e pede Carmona a Salazar.

Que a Legião e a Mocidade Portuguesa, moderna Ala dos Namorados, sejam pelas damas e madrinhas de guerra armados cavaleiros, a exemplo do que fez Filipa de Vilhena aos seus dois filhos, ainda adolescentes.

Vinde, pois, todos, ó mocidade esperanzosa, vinde depôr neste dia, sobre o altar da Santa Pátria, o vosso juramento soléne, prometendo defendê-la, com o sangue e com a vida, dos inimigos internos e externos, pois nesta hora trágico-dramática que a Europa e o Mundo atravessam, é preciso estar alérgico, para evitar que os lobos desçam ao povoado.

Mas eu queria dizer mais alguma coisa de bello e grandioso sobre o significado do Duplo Centenário, que causou o pasmo e admiração a milhares de estrangeiros que nos visitaram, apesar da anormal e angustiada situação presente. Serei breve.

Creio que a maioria dos portugueses foram á capital do nosso Império para admirarem na Exposição do Mundo Português o esforço ingente e a obra colossal dos nossos igrégios avós, os quais, mercê da santa aliança da Cruz e da Espada, deram ao Mundo novos mundos dilatando a Fé e o Império por mares nunca dantes navegados!

São oito séculos de História viva e palpitante, que ali se vêem e se contemplam, com a alma ajoelhada e os olhos fascinados. Cada uma dessas cenas é um simbolo luminoso, cada quadro uma síntese expressiva de fé e de heroísmos...

Ali, adentro daquela mansão da História, daquele Eden de maravilha, tudo é vivo e nada matéria inerte.

Como se vivos fossem, os nossos guerreiros e monges falam-nos á alma e ao coração das Suas e nossas gloriosas epopeias passadas. Todos que por lá passaram ouviram das suas bocas anímicas e misteriosas, palavras de incentivo e censura: incentivo pela ideia de Deus e da Pátria, de censura contra os vendilhões e traidores de Portugal.

A vibração mais forte do sentimento é, para nós, mulher, o Heroísmo; não é só a Dôr, porque esta mesma, no auge da sua expressão é também heroísmo. Praticar um acto que aos nossos olhos, á nossa sensibilidade atinja proporção de extraordinário, de quasi invencível, ilumina-se com aureola de heroísmo.

Suportar a dôr, a desgraça, com a mais exemplar resignação, sem um vislumbre de revolta ou um gesto de contrariedade, é o heroísmo exemplificado na sua formula adorável, dominadora das almas boas.

Para nós, ser que se dilue na vida a seguir o Destino sem revolta, que nada soluciona, antes agrava a hyper sensibilidade moral, olhamos com veneração os heróis que conquistam na vida, atravez de tudo, com golpes andazes e certos, a posição de dominio, mas sem ferir nem aniquilar.

A mulher—porque não hei-de ser sempre mulher, mesmo a escrever?—tem mais energias acumuladas no seu intimo, tem mais forte vontade de conquistar o reduto onde vê a ondular o simbolo do seu Ideal, é para isso chega a ser espelho de heroísmo.

Perdê-me quem me lê, mas pensamos convictamente assim.

Que de bravura, que de heroísmo não ha em D. Filipa de Vilhena—1640—armando cavaleiros seus filhos, apontando-lhes o caminho de luta, quem sabe tantas vezes duvidosa?!

Eram o enlevo da sua alma, eram fibras do seu coração a estalar de Dôr, mas o heroísmo dominava-a, vibrava numa excitabilidade incomparavel de Amor-Patrio, e arrancava numa luta heroica o afecto profundo da Mãe pelos Filhos, para fazer valer outro sentimento nobre, alevantado, a conquista da independencia da Patria, solo sagrado para todos aqueles que nasceram portugueses e queriam morrer portugueses.

Nesta data a comemorar hoje, nós que vimos, uma vez ou outra, a sintetisar o que nos vai na alma á hora de escrever, achamos que uma Mulher não podia deixar de moldurar esta data no Heroísmo, manifestação violenta de sentimentalidade.

Sem esse Heroísmo não teria havido 1640.

1-XII-1940

MARIA

Pátria restaurada

Vão encerrar-se as comemorações evocativas de oito séculos da nossa Historia.

Recorda-se no dia de hoje a data inesquecível do Primeiro de Dezembro de 1640 e amanhã será lembrado o Voto a Nossa Senhora da Conceição do Grande Rei que foi D. João IV.

Neste período do tempo em que a luta entre as nações nos faz pensar alvoroçadamente no futuro das patrias, Portugal reviveu docemente o seu passado historico, evocando e lembrando-se dos seus Heróis e dos seus Santos, dos seus Navegadores e Guerreiros, das suas descobertas atravez dos mares, das suas descobertas de novos continentes, da sua actividade colonizadora, civilizadora e missionaria, comemorando batalhas sangrentas e triunfos brilhantes.

Consagrou Poetas, Artistas, Homens de Estado, Missionarios, Reis e Soldados:

Começou-se, em Guimarães, no alto do Castelo do Primeiro Rei, a contar as glórias do Portugal oito vezes secular, como a ensinar-se a esta geração como no Passado se trabalhou, se luctou e se empenhou o Povo luso para formar a Patria e alargar os seus dominios territoriais, civilisadores e cristãos.

Milagrosamente afastado dos campos em que se estão ferindo batalhas e operando destruições de cidades e de fronteiras, Portugal foi cantando em socego e paz, a sua maravilhosa Historia!

Duas grandes data mereceram nas comemorações levadas a efeito especial relevo: 1140, Fundação da Nacionalidade; 1640, Restauração da sua Independência!

Comemoramos hoje, com alegria, com fé em novos triunfos e novos milagres, a Restauração da Independência de Portugal.

E podemos, orgulhosamente acrescentar, que festejamos esta data certos de que Portugal está restaurado na Política, nas Finanças, no Trabalho, na Ordem e na Disciplina!

O Milagre de Ourique, de Aljubarrota e de Valverde, é e será o Milagre dos nossos dias!

MARIO SILVEIRA

Círculo Católico dos Operários

Festa do 1 de Dezembro

O encerramento das Comemorações Centenárias da Independência e Restauração, vão ser comemoradas com brilho, hoje, pelas 21 horas, no Círculo Católico de Operários desta cidade.

Esta casa pelo seu passado e pelo presente tem sido um esteio moral, junto do operariado, sendo portanto louvavel a homenagem que presta aos Fundadores e Restauradores da Nacionalidade, que é também a homenagem dos Operários do nosso Concelho aos Chefes da Nação, pela sua organização corporativa e tradicional.

O orador official nesta festa será o Ex.º Sr. Dr. Joaquim Furtado Martins, illustre advogado nacionalista e tradicionalista, que Barcelos bem conhece atravez dos seus discursos proferidos em actos officiais.

Colabora nesta festa o Grupo Dramático «Mocidade Barcelense» que levará á cena o lindo drama patriótico em 1 acto A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL da autoria do distinto escritor J. Fontana da Silveira.

Universidade do Pôrto
FACULDADE DE MEDICINA

Na Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto, com boa classificação, fez as cadeiras de Química e Histologia, obtendo assim passagem para o 2.º ano, o nosso amigo sr. Mário Vieira de Sousa Basto, filho da sr.ª D. Maria Basto.

—Ao inteligente académico, assim como a sua mãe, enviamos muitos parabens.

BARCELENSES

No dia 2, amanhã, realisa-se o encerramento das comemorações centenarias em Barcelos.

A Comissão que leva a efeito as festas, organisou o seguinte programa de encerramento:

Às 16 horas do dia 2 realisa-se uma sessão solene na Camara Municipal e a seguir o descerramento da lapide comemorativa do Voto que D. João IV fez a Nossa Senhora da Conceição.

E' preciso que todos os barcelenses compareçam a estas solenidades.

O dia de Nossa Senhora da Conceição vai ser festejado êste ano com maior esplendor

O sr. Cardial Patriarca Publicou ontem a seguinte pastoral:

«Quiseram os Bispos Portugueses celebrar, neste Ano Aureo dos Centenários da Fundação e da Restauração da Pátria, com especial esplendor a Festa da Imaculada Conceição da Virgem Santissima Padroeira de Portugal. No próximo dia 8 de Dezembro, estarão êles reunidos na velha Sé Patriarcal—onde tôdas as alegrias cristãs e nacionais tiveram sua adequada expressã—participando e dando lustre ao Pontifical solenissimo que se realizará com toda a pompa liturgica, segundo o rito joanino.

Mas a voz dos Fieis não deve ficar silenciosa, diante da ratificação feita pelos seus Pastores, do juramento de fidelidade e amor, que o Rei, e as Côrtes, e as camaras, e as paróquias e o País inteiro prestaram em 1646 á Padroeira então eleita. Queremos que o dia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora seja comemorado festivamente em tôdas as paróquias do Nosso Patriarcado.

O momento é, mais que nunca, de erguermos para Nossa Senhora as nossas mãos supplicantes, para que o seu amparo leve Portugal a continuar, em esperança e glória, nos seus caminhos. Pertence-nos a nós portugueses do século XX, o dever e a honra de agradecer á Excelsa Padroeira o ter-nos maternalmente acompanhado ao longo de oitocentos anos de lutas, de martírio e de fé.

Havemos, pois, por bem determinar:

1.º que, a 8 de Dezembro, como demonstração de regozijo, se repiquem os sinos, especialmente ao meio dia, hora em que na Sé Catedral estará sendo renovado o sacrificio da Divina Vitima, por Quem faremos subir ao Céu, em nome da Nação Portuguesa, a nossa homenagem de reparação e acção de graças.

2.º que se promovem em tôdas as igrejas fervorosas comunhões gerais, para assim melhor honrar a Mãe de Deus e nossa celestial Padroeira, recebendo a seu Divino Filho, que será no nosso coração a mais preciosa Oferta do glorioso dia.

3.º que se celebre, a hora conveniente, uma função religiosa em honra de Nossa Senhora, renovando nela a Consagração ao Coração Imaculado de Maria, que está preceituada para a conclusão do mês de Maio. (Vida Católica, Ano XIV, n.º 216-217, Junho-Julho de 1930).

Para que o próximo censo da população corresponda de facto as realidades nacionais é necessária a colaboração fiel e consiente de todos os portugueses.

A MISTICA DA RAÇA PORTUGAL

Naquela manhã radiosa do dia um de Dezembro de 1640, Portugal, Leão adormecido, despertou do largo sono em que se encontrava mergulhado e recordando-se do sonho lindo e grandioso, que horas antes tivera, meditou largamente, contemplando os seus feitos anteriores.

Longa foi a meditação. Comparou o que tinha feito e ao que estava reduzido, leão possante e indómito, encarcerado em acanhada jula...

Ao seu espirito acudiu instantaneamente a imensidade dos oceanos que tinha desvendado, e pelos quais tão audazmente tinha passado, que Neptuno lhe cedera o ceptro...

Ao seu espirito surgiu, em toda a sua pujança, o vulto herculeo de seu filho Afonso Henriques, que a golpes de audácia e de heroísmo lhe entregara as terras onde se encontrava a sua misera prisão...

Ao seu espirito, veio a lembrança de Nuno Alvares Pereira, seu filho dilecto, que anos antes ferira impiedosamente, o orgulho da velha castela, de quem, agora, Portugal era escravo...

Monges, guerreiros e santos, num continuo desfilar, perpassaram pela mente febril do leão enjaulado...

E todos, fantasmas terríveis, repletos de indignação, mostrando espanto pela atitude do leão prisioneiro, outrora livre e plerórico de virilidade audaciosa, pareciam recrimina-lo pela sua fraqueza e pela sua espiritualidade adormecida...

Com brilhante fulgôr, o leão olhou as grades da sua prisão.

E ambicionando repentinamente a sua liberdade de outrora, uma raiva indomável se apoderou de todo o seu sêr, rugindo estrondosamente...

Queria ser livre, voltar à imensidade dos seus oceanos, ressuscitar seus filhos Afonso Henriques e Nuno Alvares...

Queria despedaçar o ignóbil carcereiro, que covardemente o houvera já enjaulado, o covarde que o queria aniquilar pelo enfraquecimento progressivo resultante da sua perpétua clausura...

E então, Portugal, sentiu imperiosamente, a vontade de viver livre completamente livre, infinitamente livre.

Num impeto despedaçou as grades da sua prisão. E ainda entontecido pela luz da liberdade que o cegava momentaneamente, arremeteu, com irreprimível furia, contra o carcereiro maldito que quizera manietá-lo.

Era horrivelmente bélo na sua fúria indómita, o leão enjaulado.

Parecia conter em si toda a altivez da liberdade, toda a suprema gloria de ser livre, toda a mascula audácia do sêr que só tem por prisão o infinito...

Sentiu-se livre, viu a seus pés os restos informes das grades da sua misera prisão, e respirando ainda o halito da raiva e da vergonha de se ter visto prisioneiro, olhou desdenhosamente, com soberana indiferença, os restos trucidados do carcereiro.

As nações, como os homens, estão sujeitos a épocas de grandesa e opórbrio, de opulência e de miséria, de virilidade e de degenerescência. Assim aconteceu a esta terra bendita, santuario intangível, pátria gloriosa e sublime que se chama Portugal.

No entanto, durante o tempo da odiosa dominação castelhana, bruma em que os animos amoleciam, e os braços cruzavam-se em atitude de resignada indiferença, nos cerebros de uma pleiade de portugueses rugia a tempestade apocalitica da libertação da pátria amordaçada. Enquanto as energias, físicas e morais, da população portuguesa, iam caindo em molestosa inércia, êsses homens iam en-

*Como te chamas, gigante
Do passado mais brilhante
Que a historia do mundo aponta?
— Alma e corpo duma raça
A quem nunca vil mordação
Fez recuar duma afronta?
Quem és tu, vulto tamanho
Que lá das érus de antanho
Herdaste fama tão grande,
Da qual nunca se perdeu
O brilho com que nasceu
E todo o éco que a expande?
Quem és, ó benção de Deus
Descida á terra, dos ceus,
Cheia de luz e de graça?
Tu quem és? Como te chamam
As vozes que te clamam?
Quem és, ó genio da raça?*

*— Quem sou? — o antigo e nobre Portugal,
Essa Patria de sempre, sempre igual,
De sacrificio e Amôr, de herois e Santos!
Eu sou a Espada, a Fé e as sortes varias
De Patria que de lutas temerarias
Nasceu a batalhar por esses campos ..
Eu sou o Portugal das caravelas
Que ao forte vento desfaldaram velas
E seguiram, ovantes, além mar,
Levando no seio a alma acesa
Dum povo que mil sonhos de grandeza
Mandaram descobrir e conquistar!
A enamorada Patria dos ascetas
Predestinados, dos ideais poetas,
De guerreiros e ousados navegantes
Que foram, sempre em luta, mundo em fora
Erguer padrões que vemos, ainda agora,
Nas paragens do globo, mais distantes!
Eu sou a Patria — Mãe, o berço amado,
Daqueles que tiveram conquistado
Todo o ceu, toda a terra e o mar profundo!
Eu sou enfim, o Grande Portugal,
Esse poema heroico e colossal
Que o vento anda a cantar por todo o mundo!*

MANUEL TERROSO

D. FILIPA DE VILHENA

Eis um nome, que é uma pérola marchetado no diadema da Pátria!

Filipa de Vilhena é protótipo das mulheres portuguesas; o expoente do amor feminino pela Pátria; é inais um simbolo, que uma realidade, a heroína de 1640

Consustancia em si o culto da pátria, o espirito de religiosidade, a alma guerreira e cavalheiresca da Meia-Idade, as virtudes cívicas e morais de todos os tempos!

De nobre linhagem, recebendo esmerada e invulgar educação religiosa e cívica, esta mulher extraordinária esposou o Conde de Atougua digno irmão de sua bela alma; êstes esposos modelares deram à pátria dois filhos, que haviam de ser a encarnação das virtudes de antanho.

D. Filipa de Vilhena ficou viuva, relativamente nova; herdou, porém, o denodo varonil de seu esposo, que guardou e usou através de sua vida pública.

Não deixou, pois, de ser perfeitamente adequada ás condições da Pátria e da familia a educação que re-

cebaram e completaram seus filhos D. Jerónimo e D. Francisco.

passadas beberam as energias da raça, data aurifulgente que ilumina a senda do Portugal moderno. Essa pleiade de portugueses, reunidos na madrugada gloriosa do primeiro de Dezembro de 1640 mostraram exuberantemente a mística da raça, mística singela de navegadores, guerreiros e santos, que quere uma patria livre absolutamente intangível.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

Este feito, em si singelo, revelou a nobreza de alma de Filipa de Vilhena, e ficou gravado em Caracteres de ouro, nas páginas sublimes e imorredoiras da história da Restauração.

UM PATRIOTA

A. DE UTRA MACHADO

Alferes

Projecções

do 1.º de Dezembro

No âmbito duma mentalidade profundamente construtiva, surge-nos no presente ano de 1940, uma nova aurora do «1.º de Dezembro», como afirmação e justificação da era duma Revolução, cujo início é fixado em 1140 e que jamais deixará de vibrar em função crescente dum Portugal Maior.

Se por momentos meditarmos sobre o panorama extenso que se nos depara além fronteiras, não podemos deixar de sentir, material e psiquicamente o beneficio inaudito da nossa privilegiada situação, considerada sob quaisquer múltiplos aspectos.

Poder-se-á conceber este beneficio extraordinário baseado num fulcro fictício? Poder-se-á definir esse mesmo fulcro a dentro do campo ambíguo do acaso? — Jamais a empoeirado ficção ou o eventual acaso materializaram o sustentáculo duma situação, que não seja criada para expeditas ambições e mesmo estas, de caracter puramente transitório.

Pelo Mundo Portugues enfora, não existe um único de seus filhos, qualquer que seja a sua situação, que não compreenda o que de grande se passa na sua Pátria, nesta imorredoura data do Primeiro de Dezembro, que não sinta o alicerce sólido, duma Pátria que vive baseada num Princípio de Liberdade verdadeiramente Cristã e que esse Princípio imutavel e intangível será o vínculo eternamente traçado por aquela Data.

No emaranhado bosque de ideais, que se debatem desconcertantes e incoerentes, onde não existe mais, de facto, que não seja o vil interesse, Portugal, como que representando uma clareira, vive um mundo inteiramente áparte, cuja têsé é a Fé que professa e cujo credo é unisono em todos os Corações numa mecânica organizadora de civilização e ressurgimento orgulhoso e altivo, formando um extenso peristilo unificado que suporta e levanta bem alto a Ideia única de eterna Restauração.

Esta Restauração, garantida através de séculos, é representada hoje pela extraordinária Organização Nacional, será inviolavel e continuada por esta Mocidade Portuguesa a quem pertence o Primeiro de Dezembro, porque êsses corações juvenis, vibram esta Data, como se vissem o Facto de então.

Foram êstes mesmos corações que ressuscitaram a Pátria morta e oito séculos depois, ouve se, não o tilintar das espadas ou o matraquear de infernais tiroleios, mas sim clarins, anunciando a existência positiva e incondicional dos mesmos Portugueses, capazes de serem dignos de tal nome, se paro tal a Pátria o exigir.

Nos mais recônditos logarejos, é dentro dêste Espirito e dentro desta Fé, que todos os Portugueses compreendem, em singular meditação, a Revolução de Oito Séculos, estigmatizando a Auréola resplandecente de Portugal de Mil novecentos e quarenta.

MESQUITA QUINTELA

CINEMA GIL VICENTE

Hoje de tarde e á noite o filme que deixou de ser exibido no passado dia 27 de Outubro pelo motivo anunciado, que é considerado a obra maxima do cinema colorido:

AVENTURAS DE TOM SAWYER com os pequenos actores Tommy Kelly e Ann Gillis, em geniais criações.

Deve registrar-se uma grande enchente pelo que os bilhetes estarão á venda no Quiosque da Calçada, até ás 19 horas, não se fazendo reservas.

As crianças ao comprarem bilhetes para a *matinée* receberão uma recordação de Tommy Kelly.

